

OS RASTROS DA TRADIÇÃO SERTANEJA NOS RELATOS DE VIAGEM DE CÂMARA CASCUDO

José Igo Costa Guedes (UFRN)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo identificar a presença de rastros da cultura sertaneja em crônicas do livro *Viajando o Sertão* (1934), de Luís da Câmara Cascudo. Como aportes teóricos foram centrados estudos em Sedlmayer; Ginzburg (2012); Willians (1997) e Ricoeur (2007) que tratam da teoria do rastro e memória, dentre outros autores que trabalham com questões de literatura e sociedade. Pela extensão do livro e a quantidade de textos, optamos por fazer um recorte escolhendo três crônicas para análise, são elas: *Temas açuenses, José Leão, fazedor de “santos”*; *Em defesa da cozinha sertaneja* e *Lembranças de Patu*; estas foram selecionadas, porque permitem uma melhor compreensão da aplicação da teoria. Encontramos o sertão como um local que conserva a tradição, e os rastros encontrados dizem respeito a questões religiosas, de culinária, arte, dentre outros. Com esse trabalho, conseguimos conhecer um pouco mais do cotidiano e cultura sertaneja, bem como identificamos exemplos de vestígios do passado na época em que os relatos foram escritos e que, em sua grande maioria, ainda são preservados atualmente.

Palavras-chave: sertão; literatura de viagem; tradição; rastros.

ABSTRACT: This article has by objective to identify the presence of traces of the country culture at chronicles of the book *Viajando o Sertão* (1934) by Luís da Câmara Cascudo. Like theoretical contributions were centered studies in Sedlmayer; Ginzburg (2012); Willians (1997) and Ricoeur (2007) that deal of trace theory and memory, among others authors who work with issues about literature and society. By the extension of the book and the number of texts, we chose to make a cut choosing three chronicles for analysis, they are: *Temas açuenses, José Leão, fazedor de “santos”*; *Em defesa da cozinha sertaneja*; and *Lembranças de Patu*; These were selected because they allow a better understanding of the application of this theory. We found in these texts the backwoods as a place that conserves the tradition, and the traces found say issues the respect to religious, culinary, art, among others. With this work we get to know a little more of the daily and country culture, as well as we identify examples of past traces in the time that the reports were written and most of which are still preserved today.

Keywords: backwoods; travel literature; tradition; traces.

1 Introdução

No sertão, assim como em qualquer outro espaço, as tradições são preservadas e repassadas de uma geração a outra e, por esse motivo, permanecem vivas e conservadas no cotidiano das pessoas. Ao falar em tradição, podemos compará-la à ideia defendida por Antonio Candido no processo de formação do nosso sistema literário:

Quando a atividade de escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, - espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõe ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização (CANDIDO, 2000, p. 24).

Essa ideia de continuidade é o ponto principal, haja vista que, ao mencionarmos a tradição, falamos de um repasse de elementos importantes de uma sociedade para as gerações futuras, os quais por esse motivo permanecem no presente conservados mesmo em meio à sucessão da passagem do tempo. A representação das tradições de uma civilização dentro da criação literária tem sido uma constante desde muitos tempos e, como exemplo, podemos citar a representação do sertão por escritores como Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, dentre outros que buscaram ser fiéis à caracterização desse espaço, valorizando a cor local, os costumes e o cotidiano da região.

Seguindo o exemplo dos autores acima, Câmara Cascudo, na província do Rio Grande do Norte e motivado pelo gosto de pesquisar a cultura popular, aliado à sua simpatia pelas ideias do movimento modernista, investiu muito nos estudos que tinham como temática o interior do estado, principalmente no aspecto ligado às tradições do sertão e a cultura popular.

Por esse motivo, de acordo com Araújo (1995), Cascudo ao mesmo tempo em que atualizava a província em relação às transformações da modernidade, chamava a atenção para a necessidade de pesquisa da cultura regional. Essa atitude se deve ao fato de que é na década de 1920 que as ideias advindas do eixo Rio-São Paulo decorrentes

do movimento modernista deflagrado em São Paulo, juntamente com os elementos da modernidade, começavam a chegar à capital potiguar e, posteriormente, ao interior do estado. De certa forma, toda essa atmosfera de mudanças influenciava as atitudes de muitos estudiosos, dentre eles, o próprio Câmara Cascudo.

Mediante esse clima de mudança, o intelectual potiguar percebe os benefícios do progresso e da modernidade, porém acredita que com isso muitos dos elementos identitários, tradicionais e regionais estavam ameaçados de serem apagados por completo, algo para ele inaceitável que os componentes de referência de uma cultura fossem esquecidos em meio à modernidade.

Com essa consciência e busca pela compreensão do elemento regional e nacional, Câmara Cascudo empreende algumas viagens ao sertão do Rio Grande do Norte, com o objetivo de conhecer e registrar o cotidiano desse lugar e delas resultaram a escrita de alguns relatos de viagem, sendo eles o “Diário dos 1.104 Kmts.” (1929) e a série que virou livro, *Viajando o Sertão* (1934), ambos publicados no jornal *A República*. Esses textos proporcionaram uma divulgação do sertão ao público, tornando a região e a cultura sertaneja conhecidas no âmbito das discussões intelectuais e chamando a atenção para a necessidade de entendimento e preservação daquelas tradições. Por esse motivo, Câmara Cascudo pode ser considerado um viajante e descobridor do sertão e de nossa identidade; um narrador e intérprete, pois, por meio das narrativas escritas interpretava o desconhecido e a cultura local para a cultura letrada, assumindo assim um papel de mediador entre uma e outra.

Muito do que é considerado tradição no sertão diz respeito a fatores históricos e sociais que são perpetuados no decorrer do tempo. Essas reminiscências do passado são como rastros, ou seja, indicações da permanência de fatores do passado no presente e um conseqüente diálogo entre o tempo e as formas culturais de uma época e outra. Por esse ângulo, e buscando nessa pesquisa analisar a presença de rastros do Sertão, recorreremos à teoria do rastro de Benjamin, nas perspectivas de Sedlmayer; Ginzburg (2012), Willians (1997) e Ricoeur (2007) entendendo que:

Em relação ao rastro, no entanto, desempenhamos um papel ativo. Somos nós que descobrimos o rastro, que lemos o rastro e nos apoderamos da coisa para a qual ele nos leva. [...] no presente, encontramos ecos, “vestígios” do passado. Ruínas ou escombros, também fragmentos aparentemente insignificantes, se revelam como vestígios, que apontam para a presença do passado etc. (JANZ, 2012, p. 20).

Esse apoderamento em relação ao rastro faz referência à identificação, nós os identificamos entre os detalhes mais insignificantes como presenças históricas, elementos ou lembranças, vestígios materiais ou não que foram importantes numa época e que, por essa razão, são preservados e permanecem no presente. Entretanto, essa preservação é desafiada constantemente, pois por serem fatores de um outro tempo, muitos deles encontram-se em nossa memória. Esta, assim como tudo na vida, também apresenta suas limitações, caracterizadas como o esquecimento, o qual é entendido como:

[...] dano à confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento. [...] E nosso famoso dever de memória enuncia-se como uma exortação a não esquecer. Porém, ao mesmo tempo, e no mesmo movimento espontâneo, afastamos o espectro de uma memória que nada esqueceria. Consideramo-la até mesmo monstruosa (RICOEUR, 2007, p. 424).

Isso mostra que as memórias e os rastros são ameaçados, porém, o exercício de lembrar e conservar certos componentes de uma cultura são formas de driblar o esquecimento. Essa noção é parecida com a ideia de fugacidade postulada por Ginzburg (2012), que diz que na ação do tempo tudo passa, porém existem elementos que não podem ser esquecidos, com isso, o rastro precisa ser visto como uma resistência a esse efeito do tempo.

Nas crônicas de viagem sobre o sertão, Câmara Cascudo busca essa preservação da memória e dos rastros por meio da escrita, não os deixando se perderem, mesmo a modernidade se colocando como responsável por um possível apagamento.

Além dos teóricos já citados, teremos como auxílio as reflexões de Araújo (1995) e Neves (2005) que trazem análises da atuação de Câmara Cascudo no Rio Grande do Norte e seu empenho em estudar o sertão potiguar. Nosso objetivo será identificar os rastros da tradição sertaneja presentes em três crônicas três integrantes do livro *Viajando o Sertão* (1934): “Temas açuenses, José Leão, fazedor de ‘santos’”; “Em defesa da cozinha sertaneja”; e “Lembranças de Patu”. Mesmo o sertão sendo uma temática bastante discutida, acreditamos que voltar a ela a partir da concepção sobre rastros é uma forma de melhor entender e conhecer ainda mais sobre as tradições

sertanejas descritas pelo autor naquele momento, bem como acreditamos que tais discussões contribuem para uma continuidade dos estudos sobre a temática na literatura.

A viagem de observação do interior que resultou nos relatos que compõem o livro em questão foi empreendida pelo interventor estadual Mário Câmara junto a uma comitiva, e nesta, a convite dele e do diretor do Departamento de Educação, participou um intelectual que estava sempre voltado aos estudos culturais e do povo do Rio Grande do Norte: Câmara Cascudo, que buscou aproveitar essa viagem para estudar e registrar as coisas do sertão e, em meio a essa iniciativa, as crônicas de 1934 apresentam um minucioso relato do cotidiano sertanejo, da religiosidade, culinária, linguagem regional, literatura oral e a presença da modernidade que chega ao solo da tradição. O livro é composto por dezoito crônicas, entretanto, sua primeira edição apresentava apenas dezessete, pois segundo nota de M. Rodrigues de Melo¹ houve um erro de numeração, a qual só foi retificada na segunda edição em 1975. Tais crônicas foram publicadas originalmente no jornal *A República* entre 31 de maio a 29 de junho de 1934, pela Imprensa Oficial, constituindo a primeira edição de publicação desses textos.

2 Referencial Teórico

No século XX, a literatura que traz o sertão como temática ganhou notoriedade principalmente depois do advento das ideias modernistas que se voltavam para estudo das realidades regionais. Tais ideias tinham como propósito o estabelecimento de uma possível identidade nacional:

[...] E o que nos igualava, por cima dos nossos despautérios individualistas, era justamente a organicidade de um espírito atualizado, que pesquisava já irrestritamente radicado à sua entidade coletiva nacional. Não apenas acomodado à terra, mas gostosamente radicado em sua realidade (ANDRADE, 1974, p. 243).

O gosto e apego pelo estudo da realidade nacional ainda prevalece entre muitos dos estudiosos da contemporaneidade. Hoje, nossa realidade cultural não pode ser vista sem a ideia que conflua para a complementariedade entre os espaços urbanos, rurais e regionais, haja vista que nossa cultura se manifesta numa dinâmica heterogênea e multifacetada. E, ao tratar desse ideal de coletividade, Mário de Andrade o chama de

¹ Informação presente em nota, na 4ª edição do livro (Editora global, 2009).

entidade nacional, ao invés de se referir ao termo identidade, uma vez que nossa formação identitária não se dá de forma única, definida, é algo multifacetado e variado. Por meio dessa consciência, as atividades artísticas revelavam um gosto e interesse pelo que se considera tipicamente nosso e que representava verdadeiramente os componentes integrantes da cultura nacional.

Vários escritores, ao tratar do sertão e do sertanejo, dão visibilidade a muitos aspectos do cotidiano daquele espaço, onde traços e elementos das memórias são colocados em jogo, mesmo em meio às transformações e ao progresso inaugurado pela modernidade na região. Mesmo assim, o sertão tem preservando grande parte de sua identidade. Na literatura, símbolo de representação e resistência do homem frente à realidade, temos um grande exemplo onde é possível encontrarmos vestígios de um passado ainda sobrevivente do sertão, em que se destacam as formas de vivências, culinária, utensílios, manifestações populares, literatura oral, conservação e hábito das tradições religiosas, dentre outras situações, ou seja, rastros de uma cultura e de uma época que atravessam o tempo e permanecem no cotidiano das pessoas.

Nessa perspectiva, a teoria de Benjamin demonstra que:

Na tradição filosófica e historiográfica, o conceito de “rastro” é caracterizado por sua complexidade paradoxal: presença de uma ausência e uma ausência de uma presença, o rastro somente existe em razão de sua fragilidade: ele é rastro porque sempre ameaçado de ser apagado ou de não ser mais reconhecido como signo de algo que assinala. [...] Na reflexão de Benjamin, o estatuto paradoxal do “rastro” remete à questão de manutenção ou apagamento do passado, isto é, à vontade de deixar marcas, até monumentos de uma existência humana fugidia, de um lado, e às estratégias de conservação ou de aniquilamento do passado, do outro. (GAGNEBIN, 2012, p. 27).

Ao falar de manutenção ou apagamento, a ideia de rastro está atrelada também à de fugacidade, ação do tempo em que todas as coisas do mundo estão sujeitas. Essa teoria de Benjamin é similar à análise sobre culturas feitas por Willians (1979), na qual ele chama de residual o que é chamado de rastro pelo teórico alemão:

[...] O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está vivo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. Assim, certas experiências, significados e valores que não se podem expressar, ou verificar substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo – cultural bem como social – de

uma instituição ou formação social e cultural anterior. (WILLIANS, 1979, p. 125).

Nessa perspectiva, percebemos a importância do residual numa cultura e seu uso dentro dela, uma vez que para o autor existe um diálogo constante entre os elementos permanentes de uma cultura e os que vão se modificando, ou que são incorporados. É nessa interação entre passado e presente que existe a transmissão e perpetuação de uma cultura ou fatores culturais às gerações.

Dessa maneira, percebemos que ao identificar um rastro ou residual este revela muitos aspectos e nos permite apreender informações, adquirir conhecimentos históricos e sociais de uma outra época em comparação ao nosso presente e, por essa razão, ele é considerado um signo, pois consegue comunicar e trazer mensagens àqueles que os identificam. Para entender melhor essa qualidade semiótica, recorreremos às palavras de Gagnebin (2012, p. 32) que entende o rastro:

[...] como um signo aleatório e não intencional, um signo/sinal desprovido de visada significativa. [...] Nesse sentido muito preciso de signo não intencional, o rastro remete a algo que excede a vontade consciente do sujeito.

É signo porque traz significação, comunica algo e é não intencional porque ao descobrir os rastros não temos a intenção de trazer tais significações, é como uma comunicação indireta que escapa à nossa consciência. Essa noção inerente ao rastro é denominada por Ricoeur (2007) como efeito-signo, um efeito não intencional, indireto e que foge ao controle da consciência ao mesmo tempo em que traz uma mensagem. Por ser considerado um signo, são fatores que ganham forma facilmente dentro de textos, sobretudo os literários, os quais têm esse poder de guardar dentro de si uma temporalidade e ao mesmo tempo uma atemporalidade evidente e plasmação de uma cultura.

Dessa forma, por essa relação com o passado e a literatura, a ideia de rastro geralmente está ligada à de narrativa, pois assim como este, os textos narrativos contam fatos da história humana, situação diante da qual nos é possível identificar uma relação entre rastro, narrativa e a linguagem. Neste sentido, podemos dizer que muitos dos rastros e memórias de uma cultura encontram-se preservados em narrativas, numa espécie de “aprisionamento” feito pela escrita daquilo que poderia ser esquecido ao

longo do tempo. Diante disso, podemos perceber a importância do caráter histórico e social dessa teoria e seu vínculo com a escrita.

Assim, podemos considerar que muitos escritores e seus textos literários estão recheados de vestígios ou indicação de um passado e que estão perenizados pelas narrativas escritas, a exemplo de Câmara Cascudo e seus relatos de viagem ao sertão.

As narrativas de viagem possuem um formato textual que, por natureza, já apresentam reminiscências e marcas históricas e do tempo do viajante e da cultura a qual ele está conhecendo. Nos relatos do escritor potiguar, encontramos muito das tradições e memórias sertanejas, as quais estão presentes de forma mais específica no livro *Viajando o Sertão* (1934). Nas crônicas que compõem a obra, encontramos um estudo sobre literatura oral, conhecimentos sobre fauna e flora, religiosidade, linguagem sertaneja, atividades cotidianas, alimentação, entre outras questões sociais da região em meio às transformações da modernidade, cujos registros iniciais se dão já nas primeiras décadas do século passado, na província do Rio Grande do Norte.

No início do livro, Câmara Cascudo apresenta o seu interesse em analisar o sertão e o sertanejo:

Registrar o que foi visto. A expressão, utilizada na primeira crônica da série *Viajando o sertão*, é uma síntese expressiva de como Luís da Câmara Cascudo entendia seu trabalho intelectual. Talvez seja seu desejo de testemunhar o observado, de perenizar pela escrita o que é efêmero, de preservar o vivido do esquecimento e da ação corrosiva do tempo, o denominador comum de sua vastíssima obra de etnógrafo, folclorista, historiador, memorialista, epistológrafo compulsivo, e também de cronista. (NEVES, 2005, p. 1. Grifos da autora).

A intenção do autor era principalmente registrar os fatos e a partir deles realizar pesquisas e análises, além de deixar um legado por escrito à sociedade daquilo que estava “sendo ameaçado” perante a nova ordem de valores que se iniciava com a modernização da sociedade. É pertinente observar também que Câmara Cascudo não negava a modernidade, bem como não se posicionava contra o progresso, porém o seu desejo era no sentido de que identidade do sertão não sofresse um processo de apagamento, haja vista a grande riqueza cultural e social da região, cujo valor ultrapassaria os limites locais para ser entendido a partir de uma dinâmica de compreensão da cultura nacional.

No estudo *Modernismo e tradição*: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20 (FERREIRA, 2000), a questão envolvendo as posições do autor sobre o processo de modernização e tradição, naquele momento, indicam que:

[...] a apologia feita por Câmara Cascudo ao processo de modernização acontece de forma contraditória, pois se num momento ele a caracteriza como um processo que proporcionará o desenvolvimento econômico ao mesmo tempo em que dá continuidade a uma tradição cultural herdada no vale do Ceará Mirim, em outro momento essa mesma modernização é causadora do desaparecimento das tradições sertanejas, conforme o autor atesta nas crônicas do “Diário dos 1.104 Klmts”. Mesmo assim, achamos que o intelectual norte-rio-grandense soube resolver a questão: para a ele a modernização é um princípio de desenvolvimento baseado na solidificação das estruturas existentes, e não a simples proclamação do novo como forma de destruição dos traços remanescentes de um passado que simboliza a história e a cultura de uma comunidade. Para irmos mais além nessa questão, podemos imaginar que tanto Mário de Andrade como Câmara Cascudo tinham consciência dessa contradição, a qual para eles não era empecilho para o progresso e sim uma força motivadora (FERREIRA, 2000), p, 108).

Dessa forma, estudar esses tesouros regionais à luz da teoria de Walter Benjamin, tendo como *corpus* textos de viagem, material que vem ganhando espaço nos estudos literários, é uma forma de aprimorar o debate que envolve essa questão, haja vista a necessidade que temos de aprofundar os estudos sobre a produção literária local numa perspectiva que ultrapasse os limites fronteirais do estado e ganhe uma dimensão cujo interesse maior é a compreensão da literatura e da cultura nacional.

3 As tradições e memórias do sertão

As crônicas de viagem, conforme já dito, são textos que por natureza trazem em sua essência fatos históricos e sociais de uma época que nos permitem compreender um pouco sobre os objetivos da viagem e da escrita de tais relatos. Além do mais, é possível, através delas, recobrar elementos do passado e identificar alguns que ainda vivem no presente e na memória. Sendo assim, pode-se dizer que passado, narrativa, linguagem e memória se relacionam estreitamente, conforme mostra Ginzburg:

Compreender a que a linguagem pode se referir condiciona o entendimento do alcance do ato de narrar. Cada ser humano, ao relatar

o passado, individual ou coletivo, precisa de recursos linguísticos para operar com a memória de modo articulado e inteligível (GINZBURG, 2012 p. 108).

Isso quer dizer que, ao narrar os acontecimentos de viagens em crônicas, o autor está utilizando a linguagem na sua modalidade escrita e, no caso específico do nosso *corpus*, as narrativas trazem as marcas das tradições e memórias da cultura sertaneja. Sendo assim, ao analisar esses textos é possível identificar rastros da tradição regional, pois “[...] a categoria do rastro inspira a reconstrução constante do ato de narrar, conferindo ao detalhe, o resto, um papel constitutivo do passado. [...] construção de memória [...]” (GINZBURG, 2012 p. 115).

Na terceira crônica do livro *Viajando o sertão*, “Temas açuenses, José Leão, fazedor de ‘santos’”, Câmara Cascudo registra que, após o início da viagem, a comitiva se dirige a Assú e lá visitam algumas escolas, exaltam a educação na cidade, descrevem um pouco da paisagem inspiradora, e finalizam a visita conhecendo José Leão, homem simples, artesão que sobrevive desse ofício: “[...] atravesso os areais da cidade até Capunga onde, numa casa caindo de velha e negra, mora José Leão, sexagenário, ‘fazedor de santos’” (CASCUDO, 2009 p. 24)².

No trecho acima, o autor descreve a sua primeira impressão ao chegar à moradia do artesão, uma casa velha. Provavelmente, se considerarmos a época da escrita, bem como a descrição das condições da moradia de José Leão, aquela talvez fosse uma casa de taipa, habitação simples e antiga bem característica do sertão. Outro detalhe a ser considerado no texto é a utilização do termo “fazedor de santos”, em um claro uso de uma expressão linguística local, situação coerente com os princípios modernistas, pois “o estandarte mais colorido dessa radicação à pátria foi a pesquisa da ‘língua brasileira’” (ANDRADE, 1974, p. 244). O uso dessas formas linguísticas revela a valorização da linguagem local e regional em meio a um discurso formal. Utilizando-se da nossa língua cotidiana, “O espírito modernista reconheceu que se vivíamos já da nossa realidade brasileira, carecia reverificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade” (ANDRADE, 1974, p. 244).

Fazer santos é uma atividade laboral bastante antiga. No caso do artesão citado por Câmara Cascudo, o trabalho se dava talhando as imagens sacras na imburana, planta típica do sertão. Neste aspecto, o registro feito pelo autor viajante demonstra a presença

² A partir dessa citação, usaremos apenas o número da página para indicar os trechos retirados da obra *Viajando o Sertão* (4. ed., 2009).

de uma atividade do passado e deve ser entendida como aquilo que “[...] aponta para uma presença e uma ausência. Aquilo que resta de um passado, de uma trajetória [...]” (SEDLMAYER; GINZBURG, 2012, p. 8). O ato de talhar na madeira é considerado uma forma rústica de trabalho, porém admirada e valorizada até hoje. A descrição feita de José Leão e de sua arte apontam para a atividade em que a tradição é o elemento principiador daquele ato:

[...] É o tipo do Imaginário primitivo, sereno, resignado, incompreendido, passando fome, trabalhando sem esperança, sem ambiente, sem auxílio, sem estímulo, insensível e obstinado, artista legítimo, com uma intuição de escultura, sem senso decorativo, um tino de moldar as fisionomias que lembra a rudeza elegante e máscula de Memling. José Leão mostra-me dezenas de santos, crucifixos, anjos, ovelhas místicas. Não tem instrumentos. São pedaços de canivetes, troços de puas, restos de enxós, um formão quebrado, cacos de louça, pires bolorentos, quengas de coco seus ferros e *godelets* para pintura. Longe de ter a monomania da beleza dos santos moldados em gesso e feitos à máquina, iguais e bonitinhos, José Leão grava na imburana plástica rostos humanos, bem semelhantes ao tipo humano, possíveis e naturais [...] (p. 24-25, grifo do autor).

A descrição do homem simples, do sertão, ou seja, “tipo Imaginário primitivo, sereno, resignado” e conservador de uma profissão artesanal se destaca no início. Do mesmo modo como o rastro é considerado um resto, os próprios instrumentos de trabalho de José Leão, se observarmos atentamente, são restos de ferramentas que, mesmo nessas condições, dão um caráter de beleza e sensibilidade artística às esculturas. Câmara Cascudo também faz uma comparação entre a imburana talhada com esses instrumentos e aqueles santos feitos em gesso, que, segundo o autor, não é a mesma coisa. Essa observação dos meios de reprodução modernos em relação à arte se assemelha às ideias de Benjamim no ensaio “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, onde o autor também mostra a decadência da autenticidade e singularidade das obras por meio dos procedimentos de reprodução em massa:

Poderia caracterizar-se a técnica de reprodução dizendo que liberta o objecto reproduzido do domínio da tradição. Ao multiplicar o reproduzido, coloca no lugar de ocorrência única a ocorrência em massa. Na medida em que permite à reprodução ir ao encontro de quem apreende, actualiza o reproduzido em cada uma das suas situações. (BENJAMIM, 1994, p. 168).

Se observarmos a comparação que Cascudo faz dos santos talhados na imburana com os de gesso, percebemos sua preocupação com a intervenção da modernidade nas artes, sendo esse apenas um exemplo de uma problemática maior que é a alteração do cotidiano sertanejo pela vida moderna. Nisso, ele acaba dialogando com a ideia de Benjamin de que as tradições estão ameaçadas, haja vista que as ações e procedimentos de reprodução modernos comprometem e anulam a aura das obras de arte, ou seja, o aqui e agora não existem mais.

Tais constatações apontam para uma mudança no modo de percepção e de conceito de arte e essas mudanças não acontecem ao acaso, mas são resultados das condições sociais impostas pelas novas formas de vida e de transformação do mundo que acabam influenciando toda a dinâmica da sociedade. Diferente das esculturas produzidas em massa, os santos de José Leão existem muito mais sensibilidade e empenho em seu trabalho do que o das máquinas que fazem os santos “iguais e bonitinhos”, o que nos permite enxergar seu poder de percepção artística e de sensibilidade, questões quase imperceptíveis depois do advento das máquinas.

A defesa das tradições continua na segunda crônica escolhida para esta leitura. “Em defesa da cozinha sertaneja” aparece no livro como sendo a sétima crônica da sequência, trata do tema referente à culinária e nela o autor faz algumas críticas ao comportamento do sertanejo nordestino em relação à sua alimentação.

Câmara Cascudo busca apresentar a diferença entre a culinária sertaneja e a do litoral, sempre com um tom valorativo em relação à alimentação típica do sertão, a qual, segundo ele, estava ameaçada pelos hábitos modernos e cosmopolitas:

A cozinha sertaneja está decadente. [...] O nosso sertanejo disfarça, esconde, mistifica sua culinária quando tem visitas. Crê ficar desonrado servindo coalhada com carne de sol, costelas de carneiro com pirão de leite, paçoca com bananas, milho cozido, feijão verde, o mungunzá que o africano ensinou e a carne moquecada que ele aprendeu com o indígena. (p. 39).

Nosso viajante constata que os hábitos alimentares modernos estão presentes e ameaçando a alimentação tradicional do sertão. No próprio título da crônica, encontramos uma amostra de sua postura em defesa dessa tradição, momento em que ele principia e aponta o caráter de decadência dos hábitos, situação que se dava diante das comidas diferentes que estavam aparecendo naquele espaço. Por esse motivo, os sertanejos não estão querendo oferecer o que realmente é consumido por eles em seu dia

a dia, alimentação essa que pode ser considerada a responsável por garantir força e vitalidade dos sertanejos que precisam estar resistentes aos trabalhos exaustivos com a terra e resistentes às adversidades da região.

Outro detalhe é a constatação feita por Cascudo sobre a influência dos negros e indígenas nas tradições alimentares, haja vista que essas formas alimentares não foram aprendidas ao acaso, mas houve intercâmbios culturais dos antigos moradores da região, população indígena e africana, que repassaram muito de sua cultura aos primeiros moradores descendentes dos brancos do litoral que conservaram muitos dos costumes dessas populações.

O trecho que segue apresenta os benefícios dessas comidas consideradas mais rústicas e grosseiras: “Nada mais antipatriótico e desumano que esta modéstia criminosa. Nós devemos ter orgulho de nossa alimentação tradicional, formadora de rijos homens de outrora [...]” (p. 39). Essa atitude “acanhada”, como a denomina Cascudo, é prejudicial ao próprio sertanejo que, ao invés de mostrar o que realmente lhe diferencia dos outros no que diz respeito a peculiaridades alimentares, força, vitalidade e longevidade, insiste numa incorporação dos costumes do litoral que não condizem com o que realmente a região oferece.

Além disso, esse recalque dos sertanejos se explica também pelo tempo, o momento vivido em que as condições e influências da modernidade atuam como condicionadores que os forçam a acreditarem que suas tradições não merecem ser continuadas e, por esse motivo, acabam se deixando influenciar e são levados inconscientemente a negar sua própria cultura. Segundo Cascudo, a resistência física e a força do nosso sertanejo são resultados de uma alimentação reforçada, sendo assim:

O sertanejo precisa convencer-se que deve a sua forma de alimentar-se a justificação de sua resistência física. Não é a comida da praça que o reajustará ao ritmo das possanças antigas. Alexandre Magno só degenerou quando não aceitava a sólida comida da Macedônia. (p. 40)

Dessa forma, a defesa das tradições alimentares vai mais além, pois ao comparar o sertanejo a Alexandre Magno chama a atenção para a sua força em relação ao de povos da antiguidade e exemplifica como uma sociedade pode se degradingolar quando nega ou não aceita sua própria condição. Ao afirmarmos isso, não significa que vai acontecer o mesmo com o nosso sertão e o sertanejo, tendo em vista que são épocas e condições diferentes de vida, mas o autor chama a atenção para a necessidade de

aceitação e orgulho do que é tipicamente seu, sem aceitar necessariamente a imposição dos padrões do cosmopolitismo:

[...] Mas relegar os nossos velhos, simples, deliciosos e históricos quitutes, alimentadores de nossos avós, base de sua energia incrível, a um canto do fogão e dizê-los exilados das mesas e dos paladares, há! Isto, por todos os santos do Céu, protesto, protesto, protesto (p. 41).

Outro exemplo que nos permite afirmar que esses hábitos alimentares são vestígios do passado é quando Câmara Cascudo menciona que esses alimentos e formas de preparo são dos tempos “de nossos avós”. Mesmo falando de alimentação, podemos ampliar para conhecimentos e tradições repassados pelos mais antigos de importância social, histórica e cultural, haja vista que a partir de tais ensinamentos a cultura sertaneja é perpetuada e permite as futuras gerações conhecerem um pouco do seu legado regional e que não pode ser apagado ou abolido pela vida e hábitos modernos que sufocam o solo da tradição.

Na última crônica analisada neste artigo, Cascudo encontra-se ambientado em Patu. Na localidade, fala do cangaço e de um cangaceiro famoso que vivia por lá, além de relatar sua visita à Serra do Lima, local de peregrinação das terras potiguares, trazendo assim elementos das antigas tradições religiosas que são características das crenças sertanejas: “A capelinha, num rococó de simplicidade extrema e acolhedora, tem as paredes cobertas de ex-votos.” (p. 52).

Ao se referir à capela da Serra, faz referência ao estilo artístico rococó, traços arquitetônicos preservados em muitos templos religiosos como lembranças dos primórdios do povoamento e da colonização europeia que incorporava às terras brasileiras os preceitos artísticos europeus e que marcavam também as influências do cristianismo. Pelo relato de Cascudo, a fé em reabilitar alguma enfermidade se revela na própria ornamentação da capela com “as paredes cobertas de ex-votos”, estes sendo objetos de madeira que representam a parte do corpo em que se alcançou a restauração.

Hoje, nos locais de peregrinação, ainda se encontra essa forma de pedido para conseguir alcançar uma graça, é uma tradição recorrente e preservada nos locais onde existem romarias no sertão nordestino, como na capelinha de Serra do Lima, em Patu. Sendo assim, a preocupação de Câmara Cascudo com a extinção dessa tradição não se firma, pois ainda hoje encontramos presente esse hábito nos locais de peregrinação, ou seja, rastro que não foram apagados pela vida moderna e permanecem conservados pela

religiosidade e fé sertaneja, como na passagem: “[...] Nossa Senhora dos Impossíveis é uma das devoções mais antigas e poderosas no Sertão. Incontáveis romarias atravessam a serra para levar os tributos de Fé ao ‘vulto’ ingênuo da santa.” (p. 52).

Essa questão de a religiosidade ser bem marcante no sertão é evidente. A fé nos padroeiros e em Deus, em Nossa Senhora dos Impossíveis é algo bem característico e forte, haja vista que são aqueles de quem os sertanejos podem se valer, pois em uma região tão remota e “esquecida” pelo restante do país e pelos grandes centros urbanos, a única coisa a que podem se apegar é na fé em seus santos e padroeiros. Dessa forma, os sertanejos se valem de seus padroeiros em busca de intersecções em sua vida e de familiares, uma forma de agradecimento ao se alcançar o desejado ou restauração de algo do qual estavam necessitados. Por esse motivo, as festas religiosas, romarias e peregrinações são costumes marcantes do sertão e caracterizam não só a religiosidade, mas também a cultura regional fortemente marcada pela fé e devoção.

Como uma pequena mostra dos rastros identificados e aplicação dessa teoria, conseguimos compreender o quanto é importante considerá-los e buscar sua preservação, pois apresenta um valor individual e social indispensável. Segundo Janz (2012, p. 23), numa visão geral sobre as reflexões de Benjamin relacionadas com a questão do vestígio, “[...], podemos constatar que ele se aproxima dessa questão, em primeiro lugar, a partir de um interesse na história e, mais ainda, na história cultural [...]”. Com isso, percebe-se a importância do estudo dos rastros e a necessidade desses elementos para a sociedade e para aqueles que visam conhecer melhor a cultura regional. Por meio desses rastros, é possível conhecer um pouco da história dessa cultura para entender como ela se configura no presente conservando as tradições e memórias.

4 Considerações Finais

Nos textos estudados, foi possível encontrar alguns exemplos de rastros da cultura regional, sendo estes ligados a questões de religião, culinária, atividades artísticas, dentre outros exemplos do cotidiano e das tradições do sertão. Conseguimos identificar presenças de um passado, ou seja, rastros que nos permitem recobrar muitas dessas tradições ainda vivas nos dias atuais, como por exemplo, a questão da religiosidade e das manifestações de fé e devoção dos sertanejos.

Dessa forma, estudar e aplicar as teorias de Benjamin e Willians sobre rastro e resíduo cultural nos permite perceber que as culturas, sobretudo a sertaneja, com o passar dos tempos e das épocas recebem influências de outras. Entretanto, há sempre uma raiz que persiste em existir e é isso que a torna relevante, pois mesmo em meio às tentativas de modificação das tradições, estas continuam persistentes nos dias que se seguem.

Além disso, foi possível compreender um pouco mais sobre a dinâmica da crônica de viagem e a atitude de valorização e preservação da cultura sertaneja por parte de Cascudo. Por meio desses textos e da obra do escritor potiguar, aprendemos sobre os fatos históricos do estado e do sertão do Rio Grande do Norte, uma região quase desconhecida na época, bem como auxiliou na construção de uma imagem sobre o sertão como um espaço de conservação das tradições regionais e, conseqüentemente, nacionais.

A atitude de Cascudo em meio à campanha modernista, época de escrita dos relatos, promoveu, além de uma divulgação e socialização do sertão para o restante do país, uma integração entre os dados da cultura local e regional com a problemática nacional, nos possibilitando conhecer melhor os traços da nossa identidade ressaltando, sobretudo, as tradições. A modernidade é vista pelo intelectual potiguar não como algo negativo e sim como um fenômeno que não podia se sobrepor ao tradicional, pois era necessário um convívio entre as duas posturas dentro da cultura potiguar.

Portanto, tal estudo pôde nos auxiliar a compreender melhor como se configura parte das tradições e memórias sertanejas, plasmação da cultura regional, bem como a caracterização dos sertanejos na literatura. Ao estudar os rastros nas crônicas de Cascudo, observamos essa atitude protetora que, mesmo não tendo certeza da permanência das tradições no tempo, ele preservou e “aprisionou” tal legado pela sua atitude de escritor preocupado com as questões da nossa cultura e identidade, deixando nos textos sobre o assunto um rico material que merece ainda estudos, análises e questionamentos que possam enriquecer os conhecimentos sobre o sertão e o sertanejo na perspectiva literária.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo/SP: Martins, 1974.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal/RN: UFRN. Editora Universitária, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte/MG: Editora Itatiaia, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Viajando o Sertão*. 4. ed. São Paulo/SP: Global, 2009.

_____. Diário dos 1.1.04. Klmts: I. *A República*, Natal, 29 jan. 1929, p. 01

_____. Diário dos 1.1.04. Klmts: II. *A República*, Natal, 30 jan. 1929, p. 01

_____. Diário dos 1.1.04. Klmts: III. *A República*, Natal, 31 jan. 1929, p. 01

_____. Diário dos 1.1.04. Klmts: IV. *A República*, Natal, 1º fev. 1929, p. 01

_____. Diário dos 1.1.04. Klmts: V. *A República*, Natal, 02 fev. 1929, p. 01

_____. Diário dos 1.1.04. Klmts: VI. *A República*, Natal, 03 fev. 1929, p. 01

FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada)– Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. p. 27-38.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

JANZ, Rolf-Peter. Ausente e presente: sobre o paradoxo da aura e do vestígio. In: SEDLMAYER, S. GINZBURG, J. (Org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

NEVES, Margarida de Souza. Viajando o Sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: _____. *A história em coisas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005, p. 1-25. Disponível em: [http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/cascudo/frame.htm](http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/frame.htm)
Acesso em 25 de Abr. 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

_____. A fala do indizível. In: _____. *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Artigo submetido para avaliação em 26/12/2016; publicado em 21/05/2017.